

TRATADO DA RUAÇÃO - DO MODO DE REPRESENTAR

A representação é o último dos aspectos que nos pareceram pertinentes de analisar neste Tratado da Ruação. Neste aspecto o texto não se alonga muito, e as explicações não são muito profundas.

Quando da explicação das operações a executar pelos ruadores, e especificamente no que diz respeito ao traçado das plantas das povoações, Figueiredo Seixas começa por definir o que é o *petipé*, e de seguida qual o tipo de *petipé* a utilizar nas plantas necessárias.

Opetipé he hua linha partida em partes iguaes, que se grafuaõ algumas medidas usadas, ou sejam graõs deesfera, Legoas, milhas, estadios, passos Geometricos, braças, varas, covados, pes epalmos¹.

Para que a planta do quadrado de meia légua caiba numa folha de 4 palmos deverá ser utilizada uma relação de 1 polegada de papel por cada 50 braças. Acrescenta que para a execução da dita planta as medidas mais necessárias são as de 2 a 5 braças, a medida do chão de casa. Propõe, no entanto, para uma melhor compreensão da planta, que se utilize para *petipé* a relação de 1 polegada de papel para 10 braças; a planta feita assim ocupará um quadrado de 17 palmos e 48/80 por cada $\frac{1}{2}$ légua de terreno. Neste caso, esta planta deverá dividir-se em quatro partes para ser mais maleável e manobrável. Este deverá ser o *petipé* utilizado para representar as plantas das povoações que se querem corrigir.

Para a operação de levantamento das povoações existentes, e concretamente para o trabalho de campo, deverá utilizar-se o *borrador*, esquiço onde se registam todos os dados a lápis, mas que se deverá quanto antes passar a tinta, para que não *sedesfazer oLapis²*, e a limpo para o *petipé*. Deverá sempre marcar-se o norte, e efectuar o levantamento também das plantas das casas existentes, não esquecendo de registar todos os ângulos. De tudo se deve tomar nota (por escrito num caderno), o que diga respeito a todos os chãos e campos, não esquecendo os nomes dos donos.

No processo de execução das plantas de correcção das povoações, refere que se deverão sobrepor a planta existente, a vermelho, e a planta perfeita a preto, para que desta forma seja imediato de observar as compensações e trocas de terreno necessárias.

Sempre numa atitude muito operacional, de acordo com o que dissemos no capítulo precedente, assinala que se podem copiar as plantas modelo das povoações *estargindosse com pó decarvão³* e passar a tinta para ficarem nítidas.

Fornece ainda receita para transformar, com auxilio de óleo de jasmim, o papel em transparente. Será sobre o papel feito transparente que se deverá riscar a planta da povoação velha para sobrepor à da ideal, para que se possam perceber as correcções necessárias.

Finalmente, em termos de representação apenas sugere e recomenda como regras gráficas para o desenho das plantas que a terra lavrada seja assinalada com pontinhos e aguada de tinta de tabaco, não esquecendo que a melhor terra deverá ser assinalada com aguada mais escura e mais clara a menos apta para a agricultura, ou em opção utilizando simplesmente letras para a identificar.

Neste aspecto não se pode dizer que o texto seja muito importante, nem apresente desenvolvimento significativo.

Confrontando o tratado da ruação com o que diz o verdadeiro manual sobre este assunto, o “*Tratado do modo mais facil e o mais exacto de fazer as cartas geográficas,...*” de Manuel de Azevedo Fortes, citado até nos documentos reais de fundação de povoações, e começando pela escolha do *petipé*, Azevedo Fortes recomenda, à semelhança de Figueiredo Seixas, que, para que um desenho de uma zona geográfica ter alguma leitura e ser manuseável, a folha não poderá ter mais do que 4 ou 5 palmos quadrados, e, para isso, deverá ser utilizado um petipé que faça corresponder 1 polegada a 100, 75, ou 50 braças. Figueiredo Seixas recomenda 50 braças. Para a planta de uma povoação Azevedo Fortes recomenda um petipé no máximo até 1 polegada por 30 braças. Neste aspecto Figueiredo Seixas vai mais longe, propondo o petipé de 1 polegada para 10 braças, mas a planta dividida em quatro folhas, para um melhor entendimento. Esta escala é bem mais pormenorizada do que a proposta por Azevedo Fortes, e quase se aproxima da polegada por cada 2 braças que este autor propõe para a representação de edifícios singulares.

Em termos de modos de representação das plantas, o manual de Azevedo Fortes é de facto referência. A singela alusão às aguadas a dar conforme o tipo de terreno para cultura fica muito além do que este manual recomenda. A comparação nem merece ser aprofundada, uma vez que a singela referência que Seixas faz não é passível de ser encarada como tema de análise mais profunda.

Em termos do que se realizava na prática não possuímos elementos para aprofundar o estudo, uma vez que não é um tema importante no desenvolvimento do Tratado da Ruação. Por outro lado Antonio Joze Moreira, no seu “*Regras de Desenho para a delineação das plantas, perfis e perspectivas pertencentes A architectura Militar...*” que, por coincidência contém completo manual sobre a forma de representação de plantas, bem como as respectivas receitas para o fabrico das diversas tintas e aguadas necessárias, refere que as indicações fornecidas por Manuel de Azevedo Fortes não surtiram efeito e que cada um continua seguindo as regras que melhor.

Não sendo, o Tratado da Ruação, referência neste aspecto, apenas abordando o assunto de forma singela, não podemos deixar de registrar a coincidência nas matérias focadas, conforme seria de esperar, embora este não seja de nenhuma maneira um assunto muito “trabalhado” ou que muito tempo tenha tomado a Figueiredo Seixas na produção deste seu manuscrito.

NOTAS

¹ Tratado da Ruação – folha 43

² Tratado da Ruação – folha 45

³ Tratado da Ruação – folha 46